
MINHAS MEMÓRIAS DA UNB

Edson Nery da Fonseca

Confesso que ao mudar-me em 1960 do Rio de Janeiro para Brasília eu me senti o mais infeliz dos homens.

Primeiro por—que, nascido no Recife, eu amava, como todos os brasileiros, o Rio de Janeiro; e segundo porque não foi espontaneamente que vim morar em Brasília. Fui forçado pelo fato de pertencer à carreira de bibliotecário da Câmara dos Deputados, cargo conquistado por concurso público.

Eu gostava da biblioteca da Câmara, onde conheci e tornei-me amigo de eminentes políticos brasileiros, como os mineiros José Bonifácio, Bilac Pinto, Pedro Aleixo e Padre Godinho, o gaúcho Carlos de Brito Velho, o paraense Newton Cardoso e os pernambucanos Nilo Coelho e Antonio Geraldo Guedes.

Mas em seus primeiros anos a hoje cinquentenária Brasília se resumia em poeira e solidão. Por que, então, vivi em Brasília durante trinta e um anos? Por causa da UnB.

Eu já estava desenganado com as universidades federais, suas cátedras vitalícias e a absurda multiplicação dos laboratórios e bibliotecas.

Quando o BID decidiu auxiliar a Universidade Federal de Pernambuco a maior parte dos recursos seria destinada a uma cátedra especializada, cabendo à biblioteca central apenas um terço. Como consegui, com o apoio dos pró-reitores Newton Sucupira e Marcionilo Lins, convencer o BID a reverter a situação, o diretor e os professores daquele departamento deixaram de falar comigo e o reitor chegou a declarar-me *persona non grata*: ele recebia presentes de orquídeas do catedrático.

Quando tomei conhecimento do Plano Orientador da UnB fiquei deslumbrado. E um dos dias mais felizes de minha vida foi aquele em que Darcy Ribeiro me convidou para ensinar na recém inaugurada universidade, ordenando que eu fosse classificado como Professor Associado, numa época em que ainda não havia Professores Titulares.

Comecei ensinando Metodologia a alunos de mestrado em Artes, Letras e Ciências Humanas. E fui logo desafiado a formar a biblioteca reclamada com razão por professores e alunos. Em 1965 propus a criação de uma Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica. A expressão informação científica estava na moda, tanto nos Estados Unidos: como na Grã-Bretanha e na Rússia, tendo sido posteriormente substituída pela ainda hoje persistente ciência da informação.

Com a criação da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, o curso de Biblioteconomia passou a ser um de seus departamentos, juntamente com Administração, Comunicação e Direito. Aos que criticavam a denominação da Faculdade o meu querido amigo Valnir Chagas a explicava

porque ela se destinava a formar os detentores das forças sociais; e eu transmitia aos colegas esse esclarecimento, acrescentando ser aquela a primeira vez em que bibliotecários foram assim classificados em nosso país.

Referindo-se a seu mestre Benedetto Croce, meu saudoso mestre e amigo Otto Maria Carpeaux escreveu que de sua capacidade ilimitada para admirar os que são realmente grandes deduzia “o direito da crítica mais severa”.

Eu também me orgulho de minha capacidade ilimitada para admirar os que são verdadeiramente grandes, tanto quanto do espírito crítico que me fez incompatibilizar-me com bibliotecas e academias de meu Pernambuco, tanto quanto com o conselho federal e os conselhos regionais de biblioteconomia, criados pela ridícula comparação da profissão de bibliotecário com as antigas profissões de Direito, Engenharia e Medicina, que não podem ser exercidas por leigos para evitar condenações de inocentes ou absolvição de culpados, desabamentos de edifícios e viadutos e mortes de doentes por erros médicos .

O advento da automação e da interdisciplinaridade fez com que as bibliotecas atraíssem analistas de sistemas que podem atuar com proficiência nos processos técnicos, ficando os bibliotecários com as funções muito mais importantes de seleção e orientação de usuários. Era isto o que pensava o sábio Ortega y Gasset ao imaginar o futuro bibliotecário “como um filtro que se interpõe entre a torrente de livros e o homem.”

No Plano Orientador da UnB aparece uma Faculdade de Biblioteconomia destinada a oferecer pós-graduação a graduados em ciências exatas, ciências biológicas, geo-ciências, ciências sociais e letras. Infelizmente, a grande demanda de cursos de Graduação nos primeiros anos de Brasília fez com que a UnB deixasse de cumprir este esquema. Considere-se também o fato de que, na década de 1960, a pós graduação em biblioteconomia ainda ensaiava os primeiros passos.

Hoje estou convencido de que o insigne Jesse H. Shera estava certo ao considerar o bacharelado em biblioteconomia como responsável pela humilhante situação dos bibliotecários diante de usuários cada vez mais diferenciados. Mesmo as bibliotecas públicas precisam de bibliotecários especializados para seleção de acervos e orientação de usuários. A explosão dos conhecimentos acabou com o enciclopedismo. Até as bibliotecas destinadas a crianças e jovens precisam de bibliotecários especializados tanto em psicologias infantil e de adolescentes como em literatura infanto-juvenil.

A Universidade de Brasília proporcionou-me o convívio com educadores do alto nível de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, juristas como Vitor Nunes Leal e Roberto Lyra Filho, escritores como Agostinho Silva e Cassiano Nunes, linguistas como Antonio Salles Filho e Ulf Branov, helenistas como Eudoro de Sousa, teólogos como o dominicano Mateus Rocha, o salesiano Astério Campos e o jesuíta José Carlos Brandi Aleixo. O curso de biblioteconomia era tão prestigiado que um de seus professores - Rubens Borba de Moraes foi quem primeiro recebeu o título de Professor Emérito da UnB; e Astério Campos - autor do primeiro livro em língua portuguesa

sobre o grande italiano que foi Norberto Bobbio – também dava aulas no Departamento de Filosofia.

Por tudo o que acabo de recordar é que me orgulho de ter sido professor da UnB e considero os vinte e nove anos aqui passados como os mais felizes da minha vida.

Agradeço o convite da professora Elmira Simeão para participar da comemoração do quadragésimo quinto aniversário deste Departamento. Meu querido e saudoso mestre e amigo Álvaro Lins escreveu numa das notas de seu diário de crítico que os não nascidos com a sorte de ser poetas são os que mais sentem necessidade de poesia. Eu também não sou poeta e, por isso, sempre apelo aos poetas para exprimir minhas alegrias e tristezas, minha fé e minhas dúvidas religiosas, minhas paixões e meus desapontamentos, meus pecados e meus arrependimentos.

Por isso, vou concluir com os versos de um soneto da grande inglesa Elizabeth Barrett Browning, admiravelmente traduzidos pelo nosso Manuel Bandeira:

“E é tão pura a paixão de que
me inundo, quanto o pudor
dos que não pedem nada”